

Album dos Vencidos

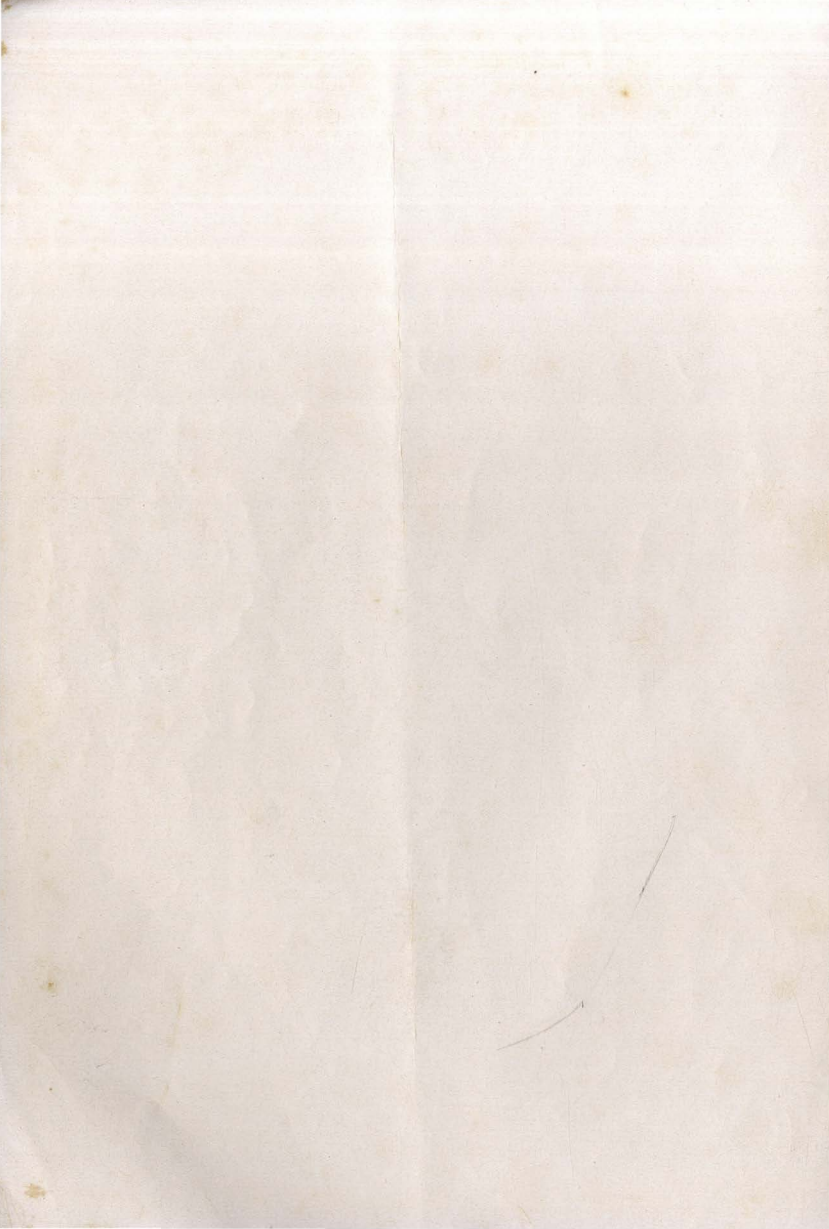
N.º 2

Redação e Administração
R. dos Douradores, 32, 1.º, D.
LISBOA

Composto e impresso
NA
Typographia do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27



Editor, Director e Proprietario
Alberto Pereira d'Almeida



o adoravam. Não o quiz a sorte, que o perseguiu cruel e inexoravel! Póde dizer-se que ao Conde de Arnoso, mataram-n'o os desgostos, mais do que a doença. O seu forte temperamento vergou no recontro durissimo com tamanhos infortunios.

E na sua casa de Pindella foi morrer, ali onde tudo lhe fallava mais das coisas da sua terra e das recordações do seu passado.



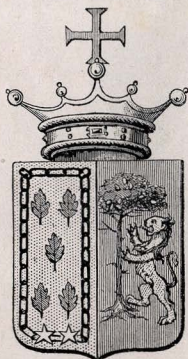
D. Anna Isabel do Carmo (Arnoso)

Que descance na eterna paz, porque a conquistou com um prolongado martyrio, aquelle que desapareceu para sempre n'uma hora incerta e triste em que as mais sombrias apprehensões sobre o futuro juntam todos aquelles que, tendo luctado outr'ora em campos differentes, teem o mesmo entranhado amor por esta patria portugueza, a cujo seio desceu n'um ultimo e perpétuo abraço, o cadaver do conde de Arnoso, cujo espirito encontrará no supremo e infallivel julgamento de Deus aquella justiça que na terra lhe recusaram, por vezes, as miserias paixões humanas.» (*O Dia*, de 22 de maio de 1911.)

«E' assim que o ha de vêr a Historia, a esse Pyliades extraviado entre os homens ingratos e egoistas de hoje, ultima figura nobre da nobreza, de pé nos

degraus do catafalco real, novo Cyranô esgrimindo contra a Pusilanimidade, o Egoísmo e a Ingratidão humanas, e morrendo na hora em que para elle, derrubada a monarchia, terminára a missão de paladino.» (*Carlos Malheiro Dias.*)

Conde de Arnoso nasceu em Guimarães a 27 de maio de 1855, fallecendo a 21 de maio de 1911. Era Cavalleiro da Ordem da Conceição, Commendador de Izabel a Catholica, de Hespanha; Cavalleiro da Ordem de S. Mauricio e S. Lazaro, de Italia; Secretario da missão especial que foi a Pekim celebrar o



Brazão dos Pindellas e Arnoso

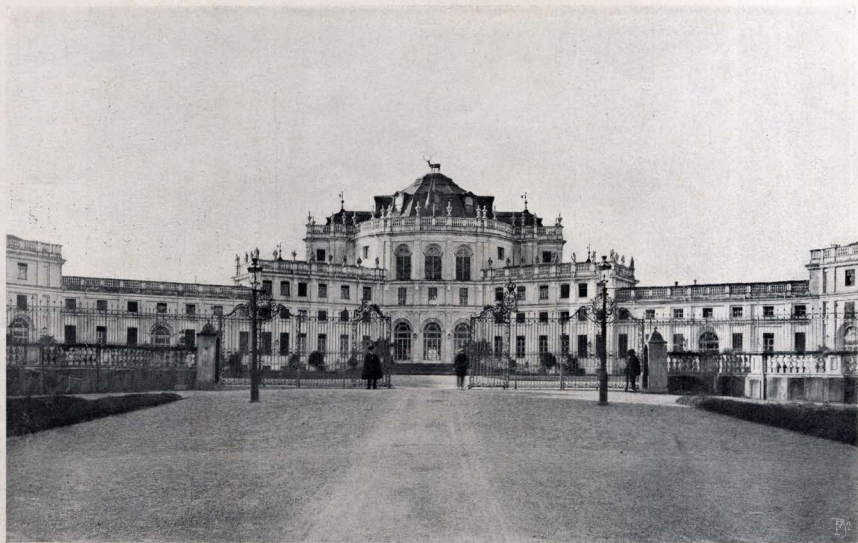
tratado com a China em 1887, negociando elle mesmo o convenio do primeiro de dezembro do mesmo anno, etc. Casou em Lisboa pela primeira vez a 16 de julho de 1877 com D. Maria José de Mello, que falleceu a 10 de janeiro de 1882, filha dos terceiros Condes de Murça, havendo d'este matrimonio os seguintes filhos: Ex.^{ma} Senhora D. Anna Isabel do Carmo; João Maria Rodrigo, 2.º Conde de Arnoso, já fallecido; e o nosso estimado condiscipulo da Universidade, Dr. Vicente Miguel de Paula Pinheiro de Mello, que é o representante e herdeiro das tradições fidalgas de seu pae; e pela segunda vez casou com a Ex.^{ma} Senhora D. Mathilde dos Anjos, actual condessa de Arnoso, de quem houve mais os seguintes filhos: Bernardo Pinheiro de Mello, D. Maria do Carmo Pinheiro de Mello, Jorge Pinheiro de Mello, D. Isabel Pinheiro de Mello e D. Thereza Pinheiro de Mello.

Seria longa a enumeração de todos os antepassados d'esta familia, que nas letras e na carreira das armas tanto se illustraram, cuja ascendencia se encontra nos senhores do Castello de Nareio na Galiza, que militaram nas cruzadas e se acharam na conquista de Malta; por esse motivo tem usado esta familia por timbre uma cruz de crusado.

O Conde de Arnoso era o filho mais novo do 1.º Visconde de Pindella, irmão do actual 2.º Visconde de Pindella, orador e publicista distincto que exerceu importantes commissões e elevados cargos de responsabilidade, sendo o ultimo ministro plenipotenciario da monarchia em Berlim.

Arnoso fez parte do grupo de escriptores intitulado *Vencidos da Vida*, constituido por Oliveira Martins, Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro, Conde de Sabugosa, Carlos Lobo d'Avila, Conde de Ficalho, Carlos Mayer, Ramalho Ortigão, Marquez de Soveral e Antonio Candido.

Entre as obras por elle publicadas, destacam-se as seguintes: *Os azulejos*;



Fachada principal do Real Castello de Stupinigi (Superga)

Habitado pela Rainha D. Maria Pia e onde falleceu

De braço dado (contos), com colaboração de Conde de Sabugosa ; *Jornadas pelo mundo*, e a peça para theatro *Suave Milagre*.

E já que hoje nos occupamos do Conde de Arnoso, é occasião para prestarmos homenagem tambem a Sua Ex.^{ma} filha a Senhora D. Anna Maria Isabel do Carmo, a incansavel e tão distincta senhora que ha mais d'um anno percorre as prisões fazendo parte d'um complot de caridade destinado a soccorrer os presos politicos pobres e suas familias em todo o paiz, e que tem a sua séde no Aljube, no carcere de sua prima a Senhora D. Constança Telles da Gama.

Publicando-lhe aqui o retrato contra sua vontade, que uma sua amiga nos forneceu, commettemos um abuso de que de bom grado nos penitenciamos.



D. Maria Pia de Saboya, Rainha de Portugal

(Em homenagem a seu sobrinho S. M. o Rei de Italia damos a versão italiana)

(Portuguez)

Corações dilacerados pela dôr muitos hão-de ser os aqui retratados ; mas um que tanto exultasse com as alegrias mundanas d'uma requintada magnificencia, ou que tanto se confrangesse com as amarguras do soffrimento, só o da desditosa soberana de Portugal, que n'este ponto bateu o *récord* tocando os dois extremos.

Proscrita, vamos acordal-a do sono da morte, colher as lagrimas que crystalizaram no seu túmulo, para as misturar sem precedencias com as de tantos outros companheiros de desventura disseminados por estas paginas;

(Italiano)

Sono molti i cuori straziati dal dolore, di cui qui si fa cenno ; ma nessuno vi fu che più esultasse nelle allegrezze mondane di una raffinata magnificenza, o che più fosse infranto dalle amarezze del patire, come quello della sventurata regina di Portogallo, che dell'uno e delle altre raggiunse il colmo, e ne toccò gli estremi.

Proscritta, destiamola dal sonno di morte, raccogliamo le lacrime che si cristallizzarono nel suo avello per mescolarle indifferentemente con quelle di tanti altri compagni di sventura, cospargere su que ste pagine ; ancora una



D. Maria Pia de Saboya

vamos ainda pela ultima vèz e sob o imperio d'uma saúdade infinda, trazê-la á vida, — a essa vida que tão pesada lhe foi nos ultimos annos.

Filha de Victor Manuel, o unificador da Italia e de Adelaide d'Austria, descendente de legiões de guerreiros que durante oito seculos tinham vivido da guerra e para a guerra, nasceu em Turim a 16 d'outubro de 1847, contando 64 annos incompletos. A 27 de setembro de 1862, na capella do palacio de Turim, casava com D. Luiz, representado na fausta cerimonia pelo Marquez de Loulé, tendo ella apenas 15 annos de idade.

Levada para longes terras lusitanas, logo convergiram n'ella, espontaneas e ardentes, as sympathias populares que ella sabia com o imperio d'um iman attrahir; e assim enlevada ia resplandecendo no seu reinado, até que «por morte de D. Luiz, cede á nora o throno de consorte real, ella será o *Anjo da Caridade*, a rainha desvairadamente prodiga e prodigamente boa, fundadora de hospitaes e de crêches, dando sem contar, semeando o ouro no seu caminho, benemerita sem calculo, philanthropa sem methodo, que nunca tivera do dinheiro outra noção diversa da que parecia, pelos seus desatinos generosos, deduzir-se de que como o fumo, era uma cousa destinada a dissipar-se».

«... e justiça n'este ponto deve ser feita ao povo portuguez, que nunca tendo sido severo para a rainha prodiga, na hora da morte a lastimou com piedade sincera, lembrado do bem que as suas dissipadoras mãos tinham semeado e lisongead no intimo pela pompa ostentadora com que, entre as demais rainhas, ella soubera manter a

volta, e sia questa l'ultima, sotto l'influsso d'infinito senso nostalgico, richiamola alla vita — a quella vita che Le fu tanto penosa negli ultimi suoi anni.

Figliola di Vittorio Emanuele, l'unificatore d'Italia e di Adelaide d'Austria, rampollo d'innumerevoli guerrieri che per ben otto secoli, di guerre vissero e per le guerre, nacque a Torino ai 16 ottobre 1847 e morì al sessantaquattresimo anno di sua età.

Il 27 settembre 1862 nella Real Capella di Torino, sposava, quindi-cenne appena, D. Luigi che fu in sì fausta cerimonia rappresentato dal marchese di Loulé. Condotta nelle lontane terre lusitane si rivolsero subito verso di lei le entusiastiche simpatie popolari che Ella, qual calamita, sapea sì bene attrarre, e di tal modo dolcemente sospinta sfogorava nel suo regno; e quando «per morte di Don Luigi, lascia alla nora il trono del suo real consorte, essa permane l'angelo della carità, la regina pazzamente prodiga e prodigamente buona, fondatrice di ospedali e di *crêches*, distribuendo senza ritegno e seminando l'oro nel suo passare, benemerita senza calcoli, filantropica senza metodo, altra nozione non ebbe del denaro, se non quella, da ciò che appariva dalle sue quasi generose stravaganze, che si ha del fumo destinato a svanire».

«... ma è qui doveroso rendere giustizia al popolo portoghese, che giammai severo verso la prodiga regina, nell'ora della morte la pianse con pietà sincera, memore del bene che le sue mani dissipatrici aveano disseminato, e orgoglioso intimamente per la magnifica pompa che, fra le altre regine a nessuna seconda, alto sostenne la dig-

dignidade decorativa do throno de Portugal, encobrendo com o fausto do seu manto a miseria do seu reino...»

«E' uma Saboya. A coragem e a força estão n'ella. No outomno de 1873, andando a passear na praia do Mexilhoeiro com os filhos, uma onda impetuosa arrasta para o mar o principe D. Carlos e o infante D. Affonso. Medindo o perigo a mãe valorosa não hesita. Precipita-se. Arroja-se ao mar em soccorro dos filhos, valendo-lhe no lance o faroleiro da Guia.»

Mas «o — que a Historia, ao analysal-a nas perspectivas dos tempos ha de encontrar na sua vida dramatica, são attitudes grandiosas e acções bellas. A piedade era de todas as vozes, a que mais resoava no seu coração sensibillissimo. Perante as inundações de 1876, que deixaram na miseria centenas de familias, a prodiga consegue reunir duzentos contos para distribuir nos lares onde faltava o pão. No anno seguinte, quando a secca do Ceará espalha por toda a provincia brazileira a fome, ella acode logo em soccorro dos famintos, mandando trinta contos para a subscrição do Brazil. Quando em março de 1888, um incendio devora no Porto o theatro Baquet, ella parte immediatamente com o filho, por uma noite de temporal, vestida de luto, a percorrer as viellas mais sordidas da cidade, distribuindo esmolos, visitando os feridos, consolando os afflictos...»

«Para ella estava reservada a parte mais terrivel da herança fatidica. Bannida, empobrecida, envelhecida; mãe a quem trucidam o filho, avó a quem assassinam o neto, irmã a quem ma-

nità decorativa del trono portoghese, occultando col fasto del real manto la miseria del suo regno...»

«E' di casa Savoia, in Lei forza e coraggio. Era l'autunno del 1873 e passeggiava in su la spiaggia di Mexilhoeira in un coi suoi figliuoli; un'ondata impetuosa lancia in no mar il principe Don Carlo e l'infante Don Alfonso. L'eroica madre ne misura el pericolo, ma non esita; si precipita e si getta in mare in soccorro dei figli e a Lei nel duro frangente presta aiuto la guardia del faro della Guia.

Ma «ciò che la storia, analizzandola in relazione ai suoi tempi, registrerà, nella sua vita drammatica, sono gesti gloriosi e belle azioni. La pietà era quella che sovra ogni altra voce echeggiava nel suo cuore sensibilissimo.

Durante le inondazioni del 1876 che gettarono nella miseria centinaia di famiglie, la prodiga regina raccoglie um milione di lire e le distribuisce nelle umili stamberghe, ove mancava il pane.

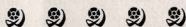
L'anno seguente la siccità del Ceará fa sentire la fame nella provincia brasiliana, ed essa accorre in aiuto dei famelici ed invia 150.000 lire per la sottoscrizione del Brasile.

Nel marzo del 1888 un incendio divora nella città di Oporto il teatro *Baquet*, ed essa insieme col figlio, in una notte tempestosa, vestita a lutto, parte e percorre le vie più sordide della città, distribuendo elemosine, visitando i feriti, consolando gli afflitti...» «Era però a Lei serbata la parte più dolorosa di una eredità fatidica. Esule povera, invecchiata; madre di cui trucidando il figlio; avola di cui assassinano il nepote; sorella di cui uccidono il fratello.» (Carlos Malheiro Dias,

tam o irmão.» (Carlos Malheiros Dias, *Do desafio á debandada*, pag. 92 e segs.) Veio finalmente a expirar ás 3 horas e 35 minutos da tarde do dia 5 de julho no castello real de Stupinigi, nos braços da rainha Helena, assistida pela rainha Margarida, e pela rainha Amelia; e assim passa á immortalidade tão alto, delicado e bondoso espirito.

Do desafio á debandada, pag. 92 e segs.)

Finalmente alle 3 e 35 pom. del 5 Luglio nel real Castello di Stupinigi suonò per la Pia l'ora suprema fra le braccia della regina Elena, assistita dalla regina Margherita e dalla regina Amelia; così spicca il volo all'immortalità il suo spirito sì nobile, delicato e buono.



Conselheiro General Celestino da Silva

Em uma tarde fria do mez de maio de 1909, n'aquellas tardes que o inverno costuma deixar perdidas nas regiões da Beira, regressava eu a Almeida ao exercicio do meu cargo, e ao sentar-me á meza de jantar do hotel, deparo com um unico hospede, que com a maior distincção e delicadeza corresponde ao meu cumprimento de saudação.

A creada que nos servia denunciava-o a cada passo com o tratamento de sr. Commandante; e eu vi logo que não estava em frente d'algum vulgar official de caserna, vaidoso e soberbo de seus galões, ou d'um tarimbeiro que os conquistasse com um *ram-ram* cadenciado.

Este cavalheiro de cans brancas, bastante enroupado e envolvido em agasalhos, com os pés sobre uma escalfeta, estava tiritando de frio, e sempre que elevava os alimentos á bocca os seus dedos bailavam tremulos. Queixava-se de que o governo do sr. Amaral, pondo de parte considerações e praxes que era d'uso ter para com os altos funcionarios, o exonerára do governo de Timor que exercera durante 14 annos, collocando-o como coronel de cavallaria 7 em Almeida, uma das localidades mais frias do paiz, pondo em grave risco a sua saude, pela transição do clima tropical a que o seu organismo se adaptára.

O fallecido general, sr. Conselheiro Celestino da Silva, foi o official de maior graduação social e mais illustrado que ha dezenas d'annos passou por Almeida, onde os seus habitantes tiveram occasião de apreciar a grandeza do seu coração e da sua bella alma. Quantas vezes eu tive conhecimento, de creanças semi-nuas que lhe iam pedir esmola, e que elle mandava á sua conta a um estabelecimento surtirem-se de roupas modestas que as resguardasse do frio!



General Celestino da Silva

Fallecido em 10 de março de 1911

Quantas pessoas pobres da Villa, velhos e creanças, se alimentavam por ordem do coronel Celestino dos sobejos dos ranchos dos soldados, que antes do seu commando se destinavam á engorda de animaes que os officiaes tinham para regalo, utilidade e consumo domestico! E era realmente um quadro commovedor, assistir na presença do official de inspecção á repartição d'essas viandas por três dezenas de velhos e creanças, pondo cêrco ao caldeirão d'olhos fitos no alimento, que cada qual levava depois ao seu lar.

Dando hoje o retrato do fallecido governador de Timor, o sr. Conselheiro General José Celestino da Silva, temos em mira prestar homenagem ao distincto e esforçado militar, em cujo espirito as crenças monarchicas estavam profundamente arreigados.

O conselheiro Celestino da Silva, sabem-n'o todos, foi um character honestissimo e digno da profunda veneração que em Timor lhe consagravam. Pertenceu ao numero dos raros que nas nossas provincias ultramarinas não teem esquecido os interesses do paiz para só cuidarem dos seus interesses pessoais, e por isso os 14 annos que contou como governador d'aquella provincia, representaram um alto beneficio por elle prestado ao engrandecimento do seu commercio e agricultura.

Quando o illustre militar, em 1894, assumiu o governo de Timor era a situação da provincia das mais embaraçosas. A miseria resultante do abandono em que os anteriores administradores traziam todos os ramos do serviço publico e a indisciplina que lavrava na maior parte d'aquella colonia, em completo estado de rebeldia, não podiam deixar de reflectir-se poderosamente na decadencia da agricultura, fonte de riqueza de Timor.

A isto deve juntar-se ainda o pessimo estado sanitario em que se encontrava a provincia cercada de pantanos, estando a mesma pouca agua potavel para o consumo publico, inquinada pelas aguas dos pantanos.

As ruas na estação das chuvas eram intransitaveis, as casas insalubres e a alimentação detestavel.

Tal era o negro quadro que Timor apresentava quando o Conselheiro Celestino da Silva assumiu a administração da provincia.

Outro qualquer teria recusado pois seriam precisos grandes esforços, congregar poderosos elementos para attenuar este estado de cousas que se apresentava com character de tão terrivel gravidade.

Traçou o seu plano e trabalhou para o bom exito d'elle.

Durante tres annos, 1894 a 1897, a lucta do novo governador foi tenacissima; mas graças á sua energia, os povos readquiriram a tranquillidade com a submissão de alguns estados indigenas ha muito em rebeldia, e aproveitando-se esta circumstancia abriram-se novos caminhos para o interior sendo estabelecidas auctoridades em muitos pontos onde o nosso prestigio quazi tinha desaparecido.

N'este anno ainda conseguiu o governador de Timor submeter os povos de Cassá, Lausso e Ossukae, remediando com os recursos que podia dispôr os estragos causados pelo tufão de Atabai.

Tudo isto se conseguiu, lançando mão apenas dos reduzidissimos recursos

locaes, sem que taes operações, acarretassem grande dispendio á metropole, como acontecia se fossem enviadas expedições militares, as quaes demandando grandes despesas, nem sempre (especialmente ali) se obtem dellas o que muita gente ingenuamente julga, pois que quem habilmente souber aproveitar (como fez o governador Celestino da Silva) os elementos indigenas de tropas, embora irregulares, e algumas boas relações entre os chefes dos reinos, isto com habil politica e tacto das auctoridades, consegue a maior parte das vezes o que difficilmente se obteria appellando unica e exclusivamente para a força armada.

Foi esta orientação seguida inflexivelmente por esse governador, que de modo algum consentia que os seus subordinados d'ella se afastassem, sendo, por assim dizer, a cabeça pensante e os commandantes militares meros executores.

A sua grandiosa obra, que tão deturpada e amesquinhada tem sido, causou a admiração dos inglezes e holandezes que publica e officialmente a manifestaram por diversas vezes, acolhendo-o com todas as honras na Capital da Australia, depois da sua extemporanea exoneração.

Porém o acto politico que maior impulso deu á provincia foi a sua autonomia.

Esse acto, que convém dizel-o, não foi solicitado pelo Conselheiro Celestino da Silva, mas uma resultante das difficuldades que o governo provincial punha a realisação dos planos do governador de Timor, opposição que se não justificava, nasceu da convicção em que estavam as regiões superiores de que o governo de Macau não podia bem administrar um districto á distancia de 600 leguas.

E assim livre, o benemerito governador, da opposição que encontrava aos seus esforços, podendo usar livremente da sua iniciativa, desenvolvendo com maior amplitude o plano que tinha concebido para o engrandecimento de Timor, os resultados não se fizeram esperar.

Começou por estabelecer carreiras regulares entre a colonia, Hong-Kong, Macau e outros portos da China e da Australia.

Abriu novos mercados no estrangeiro a fim de crear receitas e desenvolver o commercio e a agricultura.

Estabeleceu na colonia a auctoridade portugueza em condições de poder mais dignamente sustentar o prestigio da nossa bandeira a coberto de fortuitos desacatos.

Creou a posta interna. Ligou as principaes localidades com uma rede telephonica.

Dotou a capital com magnificas aguas potaveis exploradas na montanha a mais de 5 kilometros, e conduzidas em tubagem de ferro.

Estabeleceu carreiras regulares, com barcos de cabotagem, entre os diversos portos da colonia.

Promoveu o estabelecimento de emprezas agricolas.

Emfim animou os capitaes até então retrahidos.

Tudo isto deve Timor ao sr. Conselheiro Celestino da Silva, isto é, deve-lhe o seu engrandecimento, a sua prosperidade, a sua riqueza e sobretudo relativos progressos no saneamento da provincia.

O illustre Conselheiro e General reformado José Celestino da Silva, nasceu em Villar de Nantes, concelho de Chaves, em 16 de janeiro de 1849, sendo seus paes Antonio da Silva e D. Rosa Umbelina Carneiro da Silva.

Espirito liberal, por convicção e por tradição da familia. Seu avô tomou parte nas luctas liberaes; e seu pae distinguio-se n'essas luctas tomando parte como voluntario na batalha de Santa Barbara, tendo merecido louvores pela sua heroica attitude, perseguido mais tarde pelas luctas politicas, sendo-lhe incendiada a casa, de que se salvou a custo pela dedicação dos seus creados, indo depois residir para Braga.

Era casado com a Sr.^a D. Amelia Augusta Coelho de Montalvão, que em Timor prestou tambem altos serviços á assistencia publica e hospitalar, chegando a ser a enfermeira dos pobres, e de cujo matrimonio existem os seguintes filhos: Julio Celestino de Montalvão e Silva, 1.^o tenente da armada, Dr. Manuel Celestino de Montalvão e Silva, advogado, D. Leopoldina Augusta de Montalvão e Silva Carvalho, D. Maria Alda de Montalvão de Santos e Silva e Alcina da Conceição Montalvão e Silva Fernandes.

Sentou praça em 27 de julho de 1865; foi o primeiro classificado do seu curso na escola do exercito; sendo promovido a alferes em 14 de janeiro de 1869; a tenente em 4 de junho de 1875; a capitão em 23 de junho de 1883; a major em 29 de dezembro de 1894; a tenente coronel em 4 de agosto de 1898 e a coronel em 23 de dezembro de 1904, sendo reformado a seu pedido no posto de General logo após a revolução de 5 d'outubro.

Era condecorado com a Commenda e Officialato de Aviz; Commenda da Conceição; Commenda da Torre e Espada; Commenda Hollandeza de Orange e Nassau; medalha d'ouro de bom comportamento exemplar; medalha d'ouro de serviços relevantes no ultramar; medalha d'ouro de valor militar; e as medalhas d'ouro de D. Amelia em virtude das campanhas de Timor de 1895, 1896 e 1900.

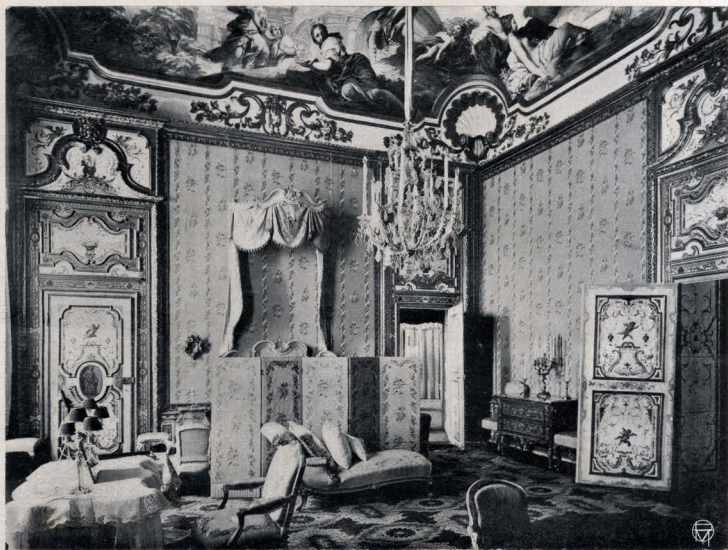
Foi agraciado com a carta de conselho por serviços distinctos.

Serviu no regimento de lanceiros 2 com D. Carlos que o distinguio com a sua amizade.

O Sr. Teixeira de Souza quiz nomeal-o commandante da Guarda Municipal, praticando S. M. D. Manuel o erro, apesar de não pôr em duvida a dedicação do General Celestino, de o preterir pelo Sr. Malaquias de Lemos.

Nos dias tormentosos da revolução, apresentou-se no quartel general reclamando tropas para atacar os revoltosos; assistiu ao conselho de officiaes tendo alvitres importantes; elle mesmo quiz ir ao paço buscar o rei e pol-o á frente do exercito.

Em consequencia do seu credo politico, e da tentativa de restauração monarchica que se estava esboçando em Lisboa, á frente da qual estaria o General Celestino, que seria o commandante das forças restauradoras, alguém aventou a ideia de que a sua prematura morte foi produzida por envenenamento pelos recheios que inspirava a attitude do esforçado militar, chegando-lhe a attribuir a



Camara e leito mortuario onde expirou a Sr.^a D. Maria Pia

phrase: «*de que não valia a pena por um anno de vida que lhe podia sobejar deixar de se expôr á morte em campanhas de restauração*».

Fosse como fosse, quem como nós teve a honra de conhecer de perto o Sr. Conselheiro Celestino, e os cuidados que com outro collega empregamos em tormentosa noute á procura de medicamentos que lhe alliviassem os soffrimentos, não acredita a hypothese do envenenamento; a vida do general estava presa por um fio, assim o diziam os dois medicos d'Almeida, que viram alguns mezes depois confirmadas as suas previsões com a noticia da sua morte em 10 de março de 1911.



Padre Theodoro João Henriques Junior

Ha tempos o *Heraldo da Madeira*, *Diario da Madeira* e *Diario de Noticias*, que se publicam n'aquella perola do Atlantico, e donde extrahimos as notas que se seguem, tarjados de luto, vieram surpreender-nos dolorosamente com a infausta noticia de haver succumbido aos estragos da diabetes agravada pela minaz tuberculose o venerando e digno sacerdote Rev. Theodoro, nosso compa-
nheiro em longos mezes de prisão.

Estimado em todas as classes sociaes da sua terra, onde soube conquistar geraes sympathias, pelo prestigio da sua dignidade, e exemplo da sua caridade e bondade christãs, o Rev. Theodoro deixa immersa na mais pungente e inconsolavel dôr a veneranda mãe e os irmãos que o estremeciam com vivo affecto, e com a maior saudade os que souberam apreciar de perto as excellentes qualidades de caracter e preciosas virtudes d'alma que adornam a sua pessoa, impondo-se sempre á sociedade funchalense como um sacerdote exemplarissimo, alheio a todas as nodoas que porventura podessem macular a sua austera dignidade de padre e de cidadão, não esquecendo jamais, que acima de tudo estava o cumprimento da sua espinhosa missão, guiando pela senda do bem e da virtude, e sem ostentações ridiculas, os que lhe pediam conselhos salutaes e ouviam dos seus labios a palavra auctorisada nas suas orações evangelisadoras.

Modesto no seu viver e recto no zeloso cumprimento do seu munus sacerdotal, o Rev. Theodoro desde a sua ordenação, poude captar a estima dos seus superiores e gosar da sua illimitada confiança e verdadeira amizade.

Quiz a má sorte que o finado sacerdote fosse a Mondariz, para fazer uso das aguas medicinaes por motivo dos seus padecimentos exactamente na epocha em que mais pesavam as suspeições politicas.

Foi no momento de maior gravidade e perigo de transição do antigo para

o novo regimen em Portugal, que o Rev. Theodoro empreendeu aquella viagem de tratamento.

Todos devem estar lembrados do que então succedeu.

O fallecido sacerdote, apesar de se ter conservado alheio á politica do seu paiz, foi na sua viagem de Vigo á Madeira denunciado como conspirador, com o fundamento de trazer manifestos de Paiva Couceiro, sendo capturado em 6 d'agosto de 1911 a bordo do vapor *Araguaya*, da Mala Real Ingleza, ao fundear em Lisboa; e arrastado para uma prisão, onde permaneceu uns bem longos e amargurados sete mezes e dezesete dias que o encheram de tão profunda tristeza, que nunca mais o abandonou, não obstante os carinhos da familia e dos amigos, e as altas demonstrações de pezar, estima e consideração que motivaram o injustificavel procedimento a que o sujeitaram, como se realmente fosse um condemnado.

Setteado de ha muito pela pertinaz doença, o saudoso extinto sentiu agravarem-se os seus padecimentos com o abalo moral produzido pelo transporte n'um infamante carro cellular! e com as torturas moraes soffridas no Limoeiro e no presidio naval da Trafaria, especialmente n'este ultimo carcere, que um conselho medico havia annos antes reprovado por insalubre e anti-hygienico para reclusão das praças e officiaes da armada.

Como alivio aos seus soffrimentos, muito contribuíram as amiudadas visitas aos presos dos nobres consules d'Inglaterra que dispensaram ao Padre Theodoro cuidados especiaes em razão do seu porte moral e resignação evangelica, que elle agradeceu no valioso documento que a seguir publicamos devido á amabilidade da Sr.^a Consuleza que nos cedeu uma copia.



**Padre Theodoro João
Henriques**

«Ex.^{ma} Sr.^a — Desejava escrever a V. Ex.^a uma carta em inglez, n'essa lingua que me ensinou na prisão com tanta caridade; mas, como exige maior cuidado, não me é possível porque estou um pouco doente.

Venho mais uma vez agradecer a V. Ex.^a tantos favores, que só Deus pode recompensar, podendo eu somente protestar a minha eterna gratidão.

Tenho recebido parabens de grande numero de pessoas de todas as classes sociaes e lembro-me sempre que devo a V. Ex.^a estas manifestações de sympathia, porque tanto trabalhou para a minha liberdade.

A minha prisão foi um acontecimento notavel na historia da Madeira, e como fui o unico preso politico, toda a gente se interessou pela minha liberdade.

A todos tenho dito os favores que os presos politicos recebem de V. Ex.^a, e no meu coração conservarei sempre a gratidão para com aquella distincta dama, que soube com incomparavel caridade minorar as agruras do meu captivo e supprir os carinhos de minha mãe.

Só Deus pôde dar a V. Ex.^a a condigna recompensa.

Guardo tambem na minha alma uma profunda admiração pelos compatriotas de V. Ex.^a

Funchal, 14 de março de 1912.

PADRE THEODORO JOÃO HENRIQUES.

Reconhecida a sua innocencia depois de ter gasto grandes sommas na prisão e no recurso que por intermedio do seu dedicado advogado e enterraneo Dr. Mendes Esmeraldo levou ao tribunal da relação de Lisboa, foi por esta mandado em liberdade em 23 de fevereiro de 1912, e regressando ao seio da sua familia todos sem excepção de classe ou partido, prestaram-lhe a merecida homenagem da sua sympathia e respeito; mas o mal estava feito.

O abalo que tal acontecimento produziu no seu debilitado organismo, aggravou-lhe naturalmente os seus padecimentos; e o libertado moralmente bem disposto, sentia-se decahir n'uma fraqueza persistente, até que n'elle se extinguiu o ultimo sopro de vida.

Por sobre o cadaver do filho a morte fez rolar tambem no mesmo dia o corpo alquebrado do velho pae victima do grande e encendrado amor que votava ao seu adorado filho primogenito na companhia do qual vivera sempre. Logo que os sinos da cathedral annunciaram em repetidos dobres funereos a triste nova, milhares de pessoas em romagem funebre ali foram desde madrugada visitar os corpos inanimados, destacando-se as senhoras em evidencia no meio elegante vestidas de pesado luto, e uma grande parte do povo das freguezias suburbanas onde o padre Theodoro e seu pae eram bastante apreciados, encorporando-se todos no cortejo funebre e seguindo-o a pé da cathedral ao cemiterio das Angustias.

Que pungente quadro deante do qual não podemos permanecer sem que os olhos vertam sentidas lagrimas e o coração estale de dôr, pensando no sacrificio enorme d'um pae que não podendo supportar o martyrio de vêr sumir-se no segredo do tumulo o corpo do filho, cae fulminado ao rude golpe da morte, desamparadamente, sem que os soccorros medicos e os carinhos dos que os rodeiam podessem salvá-lo.

Quando o filho fôra enclausurado, na perspectiva de seguir para o degredo, o pobre velhinho, sem alento, e com as lagrimas marejando as palpebras magoadas de soffrimento, dizia a todos: *«Quero acompanhar meu filho até aos seus ultimos momentos, nem que tenha de seguir com elle até Africa.»*

Nem a resignação cristã que alentava o velhinho em todos os seus dissabores, foi sufficiente para prolongar-lhe por mais tempo a existencia.

Era já impossivel para um coração e para um espirito que tinha a visão

clara de que seu filho era uma victima, poder a elle sobreviver, embora tivesse de sacrificar a familia. E esta preocupava-se.

Os paes, os bons velhos, debilitadas pela idade as energias d'outr'ora, tremiam e resavam pela vida do padre, cada vez mais emmagrecido e debilitado.

No dia em que se convenceram da horrivel fatalidade, quando a perda do filho não admittia duvidas, a sua carne fraquejou; a mãe cahiu de cama; e o pae apesar d'essa serenidade apparente que, por convenção ou instincto, nos impõe a condição viril, sentiu cravar no seu seio a setta que o havia de matar.

O velho Theodoro, certo da perda do filho, tinha a têt mais pallida e a voz mais tremula; mas a alma estava resignada. O filho era um justo; partia apenas mais cêdo; mas no ceu ia elle rogar a Deus pelos pobres paes que em breve tornariam a encontrar, então para uma companhia eterna.

E ficámos um pouco confortados, a pensar na grande, na extraordinaria força que provem da fé.

Consolava-nos encontrar a resignação, quando esperavamos o desespero e a amargura; commentavamos na nossa voz interior, a frieza e impiedade da philosophia do seculo que cada vez vae empanando mais as creanças, tirando-lhes essa certeza absoluta, tão consoladora, da vida d'alem tumulo.

Mas aquella resignação era uma força d'alma apenas; o corpo divorciava-se d'aquellas razões da Fé.

A alma d'aquelle pae permanecia de facto indemne e alentada; a carne, porem, estava ferida de morte.

E assim como ha mezes, quando o padre fôra entregue á liberdade e á luz, viramos, pae e filho irmanados na mesma satisfação, no mesmo jubilo, abraçarem-se fundindo o espirito na mesma aspiração á vida, assim tambem, quando este baqueou nas trevas e clausura do tumulo, apesar da apparente calma, a setta cravou mais fundo, feriu no velho pae o proprio centro da vida e derrubou-o estando a fallar do santo, para que o não deixasse d'abraçar e acompanhar n'essa viagem da morte.

Elle promettera acompanhá-lo sempre no degredo ou no exilio, e quiz Deus que fosse fiel a sua palavra honrada: esses dois justos, ninguém os separará jamais: elles serão d'ora-avante os constantes e eternos companheiros.



Theodoro João Henriques Senior
(fallecido)

Padre Theodoro João Henriques Junior, nasceu a 15 de novembro de 1861 fallecendo a 6 d'outubro de 1912; filho de Theodoro João Henriques e de D. Eulalia dos Passos Henriques; irmão dos srs. João Maria Henriques, redactor

do *Heraldo da Madeira* e proprietario, Dr. José Maria dos Passos Henriques, medico em Inglaterra, e Francisco Maria Henriques, commerciante. Ordenou-se de presbytero em 7 de junho de 1894; foi nomeado cura em diferentes parochias e sacristão-mór da Sé em 20 de janeiro de 1900; ultimamente desempenhava o cargo de thesoureiro da Cathedral.

Seu pae nasceu a 11 de setembro de 1836, fallecendo a 6 d'outubro de 1912. Era 1.º amanuense aposentado da administração do concelho do Funchal e pessoa queridissima em toda a ilha da Madeira.



Luiz Augusto Ferreira

O capitão Luiz Augusto Ferreira foi demittido do serviço nas circumstancias mais extraordinarias, e que decerto não ha exemplo na historia militar, por decreto do governo provisorio de 25 de maio de 1911, por não convir ao serviço da Republica!!

Ao traçar a biographia d'este ex-official do exercito portuguez, não tem aqui cabimento mostrar se o capitão Ferreira ao tempo da sua demissão conspirava ou não contra a Republica; pois que para se julgar algum criminoso, é hoje e de ha muito, e foi assim no tempo do terror em França, necessario que um tribunal, bem ou mal constituido, faccioso ou justo, legal ou illegal, mas sempre um tribunal, pronunciasse o seu veredictum dando o crime por provado e applicando a pena. Foi necessario chegar ao seculo xx, seculo de civilisação e de navegação aerea e submarina, de radio-telegraphia, e das idéas mais altruistas, idéas de paz e amôr, para que n'este canto do Occidente da Europa, para que n'este povo, o primeiro a abolir a escravatura e o que espalhou a civilisação n'uma grande parte do mundo, se desse tal exemplo de justiça, ao despertar a joven Republica, que tudo aconselhava a acreditar por principios de justiça, de paz e de rectidão.

Luiz XVI, Maria Antonieta e tantas outras victimas do Terror, foram guilhotinados depois de serem julgados; e entre nós, aos revolucionarios de 31 de janeiro de 1891, não foi imposta pena, sem que um tribunal os julgasse criminosos.

O capitão Luiz Augusto Ferreira foi demittido, pena das mais graves que se impõe a um official, pena que o Codigo de Justiça Militar só commina como accessoria dos crimes infamantes, nos crimes a que corresponde pena superior a seis annos de presidio militar, ou ainda aos officiaes que desertarem.

Pois o ex-capitão Ferreira foi demittido sem ser julgado, achando-se recluso n'uma prisão militar, quando o processo do seu crime ainda não tinha o inicio de querella, sem o ouvirem, e sem se ouvir a defeza produzida.



Ex-capitão Luiz Augusto Ferreira

Depois dos estragos soffridos na prisão

Nada mais é preciso juntar para se vêr a alta moralidade com que se procedeu contra um official com 35 annos de serviço, com uma folha de registo sem um castigo, com algumas campanhas e com alguns serviços relevantes á sua patria.

O que foi a vida do ex-capitão d'então até ao dia 29 de fevereiro de 1912 em que passava a fronteira para seguir para a Belgica, dil-o a sua saude depauperada e consumida por nove longos mezes de cadeia, longos dias esperando o seu julgamento que fôra elle proprio a pedir, confiado na justiça dos seus concidadãos que o deveriam ouvir antes de o demittir.

Tres leis especiaes, de excepção, o abrangeram, a primeira que o levou á penitenciaria de Coimbra, onde o torturaram; a segunda que o levou á Relação do Porto, e finalmente a terceira, promulgada 13 dias antes da audiencia que o havia de julgar no Porto, que o atirou para o Limoeiro e o entregou ao tribunal das Trinas.

O que foi esse julgamento sem exemplo nos annaes do fôro portuguez, relatou-o toda a imprensa com excepção d'aquella que subjugada por um ideal, a tornava de tal forma facciosa que deturpava a verdade.

O que foi esse julgamento, de que se não fez ainda a historia, dil-o o grande homem, o grande mestre do fôro portuguez, esse elevado character que se chama Francisco Fernandes, lente da Universidade de Coimbra e advogado no Porto, na sua brilhante minuta d'appelação para o tribunal da Relação, da iniqua sentença que condemnou o capitão Luiz Augusto Ferreira.

Seria occasião para narrar todas as peripecias d'esse monstruoso processo, e a revoltante iniquidade do julgamento que mais parecia uma feira n'um paiz de cáfres; ficará isso para mais tarde; por agora bastará dizer que o ex-capitão Ferreira foi condemnado em 6 annos de prisão maior celular seguidos de 10 de degredo ou na alternativa de 20 de degredo!

Mas o recurso baixou á Relação e este douto tribunal sabendo respeitar a sua alta missão, examinou o monstruoso processo e sabia minuta do Dr. Francisco Fernandes, publicando o acto de justiça de *annular todo o processo desde a querella!*

Levado ainda ao Supremo Tribunal de Justiça, este tribunal, por acordão de 12 de abril de 1912, não dá provimento ao recurso e *annula todo o processo por não haver indícios de crime!!!...*

Não é necessario mais commentarios para mostrar o que foi a demissão do capitão d'artilharia Luiz Augusto Ferreira, e o processo que lhe foi movido pela calunnia, pela vaidade e pelo desejo de alguém que queria subir muito alto no conceito da republica para garantir a sua adesivagem.

Sahido da prisão, a instancias dos seus, e como consequencia das cartas que todos os dias annunciavam a sua liquidação como justiça do povo, boatos que o exemplo do 2.º tenente Soares vieram depois confirmar, sahiu do reino e passou a fronteira a 26 de fevereiro, chegando a Huy, na Belgica, a 11 de março, como o prova o documento do consul de Liège, que o ministro da Guerra, tenente-coronel Silveira, viu.

Já na Belgica, onde estava dando lições n'um collegio portuguez, fez che-

gar ás mãos do sr. Silveira um memorial em que lhe pedia que, como chefe do exercito e como ministro da republica fizesse com que se cumprisse a Constituição (art. 34.^o) e a lei de 24 de dezembro de 1911, que mandava reintegrar-o no seu posto e indemnizal-o dos prejuizos soffridos. Tal memorial teve como resposta que requeresse ao Congresso, o que era o mesmo que dizer que nunca seria deferido.

Se o ex-capitão Ferreira já tivesse conspirado, absolvido, a republica não o soube desarmar e conquistar para o seu gremio; se ainda não tivesse conspirado, a republica guiou-o para esse campo por não lhe fazer justiça, por não lhe garantir a sua segurança no paiz, e por lhe dizer bem alto que só pelas armas conquistasse de novo os galões que lhe tiraram!!!

Assim, tendo sahido de Portugal em fevereiro de 1911, não tendo obtido o que lhe era devido, a ninguém admirará que fosse elle o commandante da pequena força d'artilharia na incursão de julho, que se bateu em Chaves pela monarchia, a unica que lhe poderia restituir tudo que a republica lhe tinha tirado.

E' cedo ainda para que se faça a historia precisa e verdadeira d'esse combate; mas ella apparecerá mais tarde e então se saberá qual foi a acção de cada um, e qual a causa das consequencia d'aquella aventura.

Agora o passado do ex-capitão Luiz Ferreira. E' d'uma familia que consagrou á causa da *Liberdade* toda a sua energia, que lhe deixou victimas praticando ao mesmo tempo actos de heroismo.

Seu pae o general Augusto Geraldo Telles Ferreira, teve uma longa carreira de serviços ao seu paiz; foi dos officiaes que iniciaram os trabalhos da carta chorographica, sendo n'este ramo distinctissimo que os seus trabalhos na commissão geodesica e da planta da cidade do Porto, foram premiados em exposições estrangeiras.

Seu avô paterno o capitão Joaquim Eleuterio Antonio Ferreira, perdeu a vida ao sahir da Torre de S. Julião da Barra, onde os legitimistas o encerraram por ser um dos mais dedicados á causa da *Liberdade*. Pelo mesmo motivo um irmão de seu avô morreu no degredo, e o outro irmão general Francisco Xavier



Luiz Augusto Ferreira

Antes de ser preso

Ferreira, conhecido pelo *Trinta Diabos* e com a espada *Trinta e um* fez toda a campanha da liberdade.

Seu avô materno, Luiz Joaquim de Sampaio, foi commissario do exercito portuguez, tendo de emigrar para França pelo mesmo motivo, e por promover a revolta da nau que mais tarde trouxe a Lisboa a Rainha com a bandeira da liberdade içada no tope grande.

Luiz Augusto Ferreira, irmão do illustre official da armada sr. João Baptista Ferreira, capitão de fragata, nasceu a 5 de outubro de 1861, sentou praça em caçadores n.º 2 em 11 d'outubro de 1878, como 1.º sargento graduado, aspirante a official, por ter concluido o curso do Real Collegio Militar, sendo promovido a alferes alumno em 2 de novembro de 1882.

Frequentou a Escola Polytechnica de Lisboa e completou o curso de artilharia na Escola do Exercito que concluiu em 1885.

Foi promovido a segundo tenente em 13 de janeiro de 1886, a primeiro tenente em 1 de fevereiro de 1888 e a capitão em 12 de julho de 1901.

Foi um official distincto da sua arma, tendo servido em quasi todos os regimentos d'artilharia e desempenhado muitas comissões da sua especialidade.

Serviu pela primeira vez no Ultramar na provincia de Moçambique, para onde partiu em abril de 1895 desempenhando as funcções de Director do Material de Guerra e de capitão-mór de Macuene. Entrou então em duas campanhas de Calaputo e na de Mataca, na qual prestou serviços importantes como commandante da secção de transportes, conseguindo chegar ao fim de tão longa expedição sem perder um unico homem, e sendo sob a sua direcção que se construíram os postos onde as forças encontraram abrigo e defeza.

Foi em comissão á India e a Macau, regressando a Portugal em estado grave de saude em 1 de janeiro de 1900.

Voltou novamente a Moçambique, commandando uma expedição em 5 de outubro de 1901, d'onde regressou em outubro de 1902. Foi condecorado com duas medalhas de prata Rainha D. Amelia de 1898, e outra de 1899, medalha de prata de comportamento exemplar, medalha d'ouro de classe de bons serviços e era cavalleiro da Ordem Militar de S. Bento de Aviz.

Toda a vida militar d'este distincto official é cheia de serviços, todos elles para elevar o exercito e para engrandecer a Patria, que elle amou como os seus antepassados, e que como elles defendeu com a sua espada.

A republica fez d'elle um emigrado, que no estrangeiro, n'uma grande nação d'além-mar, sua segunda patria, labuta pela vida, mas onde encontra essa liberdade que elle, como os seus ascendentes tanto amou, e que no nosso paiz foi quasi por completo abolida pela republica, que tão largamente a prometteu.



Grande salão central do palacio de Stupinigi

José de Barros

Outro valor e outra comprovadíssima dedicação a que temos de render homenagem pela importancia transcendente do processo que lhe foi movido, que emocionou profundamente milhares de pessoas, conhecido em todo o paiz por *Caso José de Barros*, e pelos accidentes d'uma vida laboriosa e honrada que se revella em todos os seus actos.

A acção que José de Barros tomou no *complot* de 29 de setembro de 1911, proporcionou ao ministerio publico no acto do julgamento o ensejo de fazer uma accusação cerrada, apontando-o como sendo o chefe, um dos mais preponderantes elementos do movimento monarchico no Porto.

José de Barros, como empregado superior da Companhia Carris de Ferro do Porto, exercia influencia decisiva no pessoal seu subordinado, a quem elle sabia conquistar e dominar pelas sympathias que grangeou com a rectidão do seu character, com a sua habilidade e com a sua audacia.

Infructiferas todas as tentativas, e abortado o movimento que se esboçou n'aquella capital do norte e n'outras localidades do paiz, José de Barros ficou prisioneiro com centenas de individuos, e mettidos nos porões dos navios da nossa marinha de guerra, foram conduzidos a Lisboa e encerrados nas casamatas das fortalezas de Caxias e Alto do Duque.

A maneira como se fez a remoção dos presos, dos barcos de guerra para aquellas casas de reclusão, foi um espectáculo tristemente celebre, em que brilharam os apupos, as vaias e os bofetões de miseraveis fazendo causa commum com a soldadesca, que esqueceu a sua nobre missão de proteger e guardar os presos, que assim eram lançados ás multidões, como no circo romano os christãos eram arremessados ás feras.

Reduzido ao ambiente humido e infecto do carcere, calculando as crueldades a que podia ainda ser submettido, n'uma noute caliginosa deschumba enghenosamente os ferrolhos, salta os fossos, escála as muralhas, evade-se da prisão, e vae arejar até á fronteira acariciando a esperanza de azilo seguro no paiz visinho, que por momentos esteve prestes a realisar, se um fracasso não viesse pôr termo a esses bellos 38 dias de liberdade.

Em virtude da atmosphéra que perava sobre esta causa e que a *rua* ia condensando em desacatos e tropalias de toda a ordem sobre José de Barros e os seus companheiros de processo, de maneira a intimidar o jury, a audiencia que começára em 23 de maio foi interrompida e addiada *sine die*, vindo finalmente a effectuar-se em fins d'outubro seguinte com a sua condemnação a dois



José de Barros

annos de prisão correccional que está cumprindo na cadeia da Relação do Porto, levando-se-lhe em conta o tempo de prisão já soffrida.

No mesmo processo que correu pelo 1.º districto criminal, sendo juiz o sr. Dr. Campos Paiva, foram julgados 26 co-reus, entre os quaes D. Luiz de Noronha e Tavora, Amadeu Martins Pinto e seu irmão Abel Martins Pinto, Jayme Correia Costa, negociante, e José da Silva Couto, professor, estando outros ausentes.

*
* *

José de Barros, nasceu em 1867 na freguezia de S. Nicolau da cidade do Porto, sendo seus paes João de Barros e Maria do Nascimento; foi casado com D. Miquelina da Silva Barros, já fallecida, ficando d'este casamento um filho.

Desde muito novo se dedicou á serralheria mecanica, exercendo a profissão de maquinista. Esteve em Africa ao serviço da Companhia dos Caminhos de Ferro d'Ambaca, onde exerceu o logar de chefe de depositos e officinas durante 10 annos.

Regressando á metropole em 1909, entrou para o serviço da Companhia Carris do Porto, onde já antes da sua partida para Africa ali fôra empregado e esteve 8 annos; conservando-se n'ella como chefe do movimento e trafego até á data de ser preso.

Por serviços prestados ás industrias electricas do Porto foi agraciado com a medalha de *Merito e Industria*, homenagem esta dada pelo governo de João Franco, recebendo as insignias inherentes a este louvor das mãos d'El-Rei D. Carlos, n'uma visita áquella cidade.

Mais documentos notaveis d'esta ordem possui por serviços em Africa; taes como: por occasião da guerra do Libolo, ter evitado a queda d'um comboio que conduzia tropas n'um despenhadeiro do triangulo da Canhóca, caso então presenciado pelo governador Ramada Curto e direcção da Companhia d'Ambaca; outra menção honrosa pela montagem de viaductos e do levantamento da ponte que abateu sobre o rio Quinha.

José de Azevedo Castello Branco

Em todas as convulsões políticas dão-se factos extraordinarios, excepcionalmente graves, que paralysem por completo a vida dos povos, tendo-os presos, ao mesmo tempo, de espanto e terror. Felizmente, esses factos, consequencia logica dos acontecimentos, são, por sua natureza, de pequena duração, e eliminados logo depois dos primeiros impetos.

Em Portugal, porém, com a mudança de instituições não succedeu assim; déram-se verdadeiros phenomenos, de que não ha memoria na historia, nem a propria phantasia humana, por mais fecunda, os poderia conceber, tão extraordinarios elles são, passando por isso este acontecimento historico a constituir um facto digno de profundo e desenvolvido estudo, em que se revelam os primeiros symptomas da anarchia, o maior dos males que pode affectar um povo, porque, superior a todas as calamidades, destroe a sociedade, levando-a, por vezes, á perda da propria autonomia. E os primeiros rebates são infelizmente bem visiveis.

A emigração, que de anno para anno augmenta assustadoramente, é a guarda avançada da miseria que assola o paiz. Ricos e pobres, nobres e plebeus, todos emigram, na esperanza de salvarem a vida, á custa, talvez, da propria vida. E aquelles que, por varias circumstancias ficam no paiz e que não professam o novo crêdo, vão, em parte, encher as prisões, onde os regulamentos são observados com todo o rigor, vivendo em continua promiscuidade com criminosos de peor especie.

D'uns e outros, todos escravos do mesmo ideal, se fará religiosa menção n'este trabalho, não esquecendo os que, accorrentados aos seus principios e na sua defesa, desapareceram para sempre, envoltos no sagrado mysterio da morte, acompanhados pela saudade infinda d'aquelles que, em piedosa romaria, vão regar de lagrimas a terra que os consome.

Cabe-nos hoje a vez de nos occuparmos de uma das figuras mais importantes da politica portugueza, de um dos homens de maior valor da nossa terra; referimo-n'os ao conselheiro José de Azevedo Castello Branco, medico-militar, professor, deputado, par do reino, jornalista, poeta, litterato, orador, diplomata, estadista, uma das individualidades mais completas que conhecemos, uma das victimas a consagrar e portanto um nome a inscrever no *Album dos Vencidos*.

Mais um portuguez pelo nascimento, pela crença, pelo amor á terra que lhe foi berço, obrigado a procurar entre estranhos a tranquillidade e segurança que em vão encontraria na sua patria!

Mais um portuguez de fina tempera procurando no exilio refugio seguro contra as perseguições odiosas de que foi victima no seu paiz, ao qual deu o melhor do seu talento que é muito, para mais o engrandecer e levantar entre os povos civilisados, contribuindo quanto lhe foi possivel para manter inalteravel o logar que lhe creou, no concerto europeu, a sua situação geographica, deveras importante, e o seu vasto imperio ultramarino que o colloca entre as potencias coloniaes de primeira ordem. E comtudo, esse homem de tão extraordinarias faculdades intellectuaes, que occupou os mais elevados e importantes cargos na gerarchia social, conquistados pelo talento á luz viva da publicidade, deixando por toda a parte um rasto immenso e luminoso da sua vasta intelligencia, e de quem, ainda ha pouco, o fallecido deputado republicano Eduardo de Abreu enaltecia as qualidades admirando ao mesmo tempo a maneira como sempre se conduziu no desempenho das suas funcções officiaes, esse homem, repito, para salvar a vida, teve de exilar-se, e hoje, para se alimentar de vender a estranhos o producto do seu talento, d'esse talento de que tanto carece a nossa patria, o mesmo que o elevou para agora lhe causar os maiores desgostos e infortunios.

Já hoje não é segredo para ninguem que, após a sua chegada ao Rio de Janeiro, quando emigrou da primeira vez, lhe moveram uma forte campanha, recciosos do seu prestigio e auctoridade, accusando-o de conspirador, accusação impossivel de justificar, porque elle apenas tratava da sua vida particular, procurando recursos para occorrer ás mais instantes necessidades; todavia a sua presença incommodava-os muito, a ponto de virem para a imprensa com violentos artigos contra as antigas instituições e seus principaes vultos, instituições que elle servira leal e honradamente, e das quaes fôra o ultimo ministro dos estrangeiros.

A esses artigos respondeu o conselheiro José de Azevedo Castello Branco com uma *Carta* na qual refutava com vigor, a par de uma cortezia inconfundivel, as invectivas que lhe eram dirigidas, filhas unicamente do pavor que a sua presença lhes causava.

Esta *Carta*, que ficou para sempre notavel como documento valioso para a historia politica d'esta epocha, foi apprehendida prohibindo-se a circulação no paiz.

A doença, que então já começava apoderar-se do seu organismo de athleta, a nostalgia da patria e a saudade da familia que estremece, obrigam-n'o a voltar para Portugal, fixando a residencia na sua aldeia, onde espera poder descansar retemperando a saude deveras abalada physica e moralmente quer pelos desgostos quer pelo clima do Brazil, que lhe foi deveras prejudicial. Pouco tempo,



Conselheiro José de Azevedo Castello Branco

porém durou o repouso de que tanto carecia porque, havendo commettido o grande crime de voltar para a sua terra, é preso pelas auctoridades de Villa Real que, verdadeiramente aterrorisadas com a sua presença, não lhe perdoam a *ousadia*, e só recuperam a tranquillidade, para continuarem no desempenho das suas *funções officiaes*, ao vel-o enclausurado na penitenciaria de Coimbra, onde se conservou, até que, convencidos da sua innocencia, o restituem á liberdade e á familia.

Regressando em seguida a Lisboa, é preso poucos mezes depois, mas d'esta vez não entram em scena as auctoridades de Villa Real, *que outro poder mais alto se levanta*, e conduzido a bordo de um vaso de guerra, dando em seguida entrada na penitenciaria e mais tarde, por influencias extranhas, transferido para a cadeia do Limoeiro.

Novamente solto, por falta de provas, lá vae a caminho do exilio cumprir a sentença a que o seu talento o condemnou, esse talento que ofusca e deslumbra, e que os proprios governos tanto temem.

Eis a traços largos descripta a triste odysseia do conselheiro José de Azevedo Castello Branco nos ultimos tres annos; apesar porém, de todos os desgostos e infortunios que o flagelem, hontem como hoje e como amanhã, não ha nada capaz de abater no seu espirito de portuguez o amor á patria que o viu nascer, a que tem dedicado todo o seu valor e uma parte da sua existencia, e á qual ainda ha de prestar relevantes serviços, para que ella cóninue na senda do progresso e da civilisação, e se torne grande e respeitada no conceito universal.

O conselheiro José de Azevedo Castello Branco nasceu em Villarinho de Samardã (Villa Real) a 5 de outubro de 1852; foram seus paes Francisco José de Azevedo e D. Carolina Correia Botelho, irmã do notavel romancista Camillo Castello Branco (Visconde de Correia Botelho).

Depois de um curso brilhantissimo formou-se em Medicina na Universidade de Coimbra em 1878, e no anno seguinte é despachado cirurgião-militar, e collocado em caçadores n.º 11.

Filiando-se no partido regenerador, onde militou até á sua dissolução e do qual era distincto ornamento, foi eleito deputado vindo, pela primeira vez á Camara na legislatura de 1884-1887, representar o circulo de Vale Passos, continuando a ser eleito nas successivas legislaturas, representando diferentes circulos até ser nomeado par do reino (carta regia de 29 de dezembro de 1900) tomando assento na camara em 9 de janeiro de 1901.

N'uma e outra camara deixou assignalado o seu valor de parlamentar distincto, como poderá verificar-se nos respectivos boletins, merecendo-lhe especial attenção os assumptos coloniaes, de que tem profundos conhecimentos.

Em 1890 foi nomeado governador civil da Madeira e em 1900 (decreto de 25 de junho) do districto de Lisboa.

Foi Bibliothecario-mór do reino, Director geral de instrucção publica e bellas artes e Ministro plenipotenciario na China; é gran-cruz de varias ordens nacionaes e estrangeiras, e pertence a differentes corporações litterarias e scientificas.

*
* *
*

Ao terminar este artigo publicamos, por especial deferencia do conselheiro José de Azevedo Castello Branco, a que estamos muito reconhecidos, o soneto

O Caminho do Ceo

*Essa estrada de luz que leva ao Ceo
Eu quizera seguil-a dócemente,
Que em mim — eu sei — existe alguém que sente
A magua de perder o que perdeu.*

*Perdi a Fé — que basta um gesto seu
Para que, dentro em nós, se movimenta
Aquella occulta força omnipotente
Que leva a paz no aureo caduceo.*

*E vós, constellações d'eterna luz,
Mostrae-me, se podeis, onde conduz
A doirada poeira das estréllas:*

*Lá, onde fôr, deixae, se Deus existe
Nas ondas d'essa luz minh'alma triste
Banhar-se longamente dentro d'ellas.*



Dr. Belezza d'Andrade

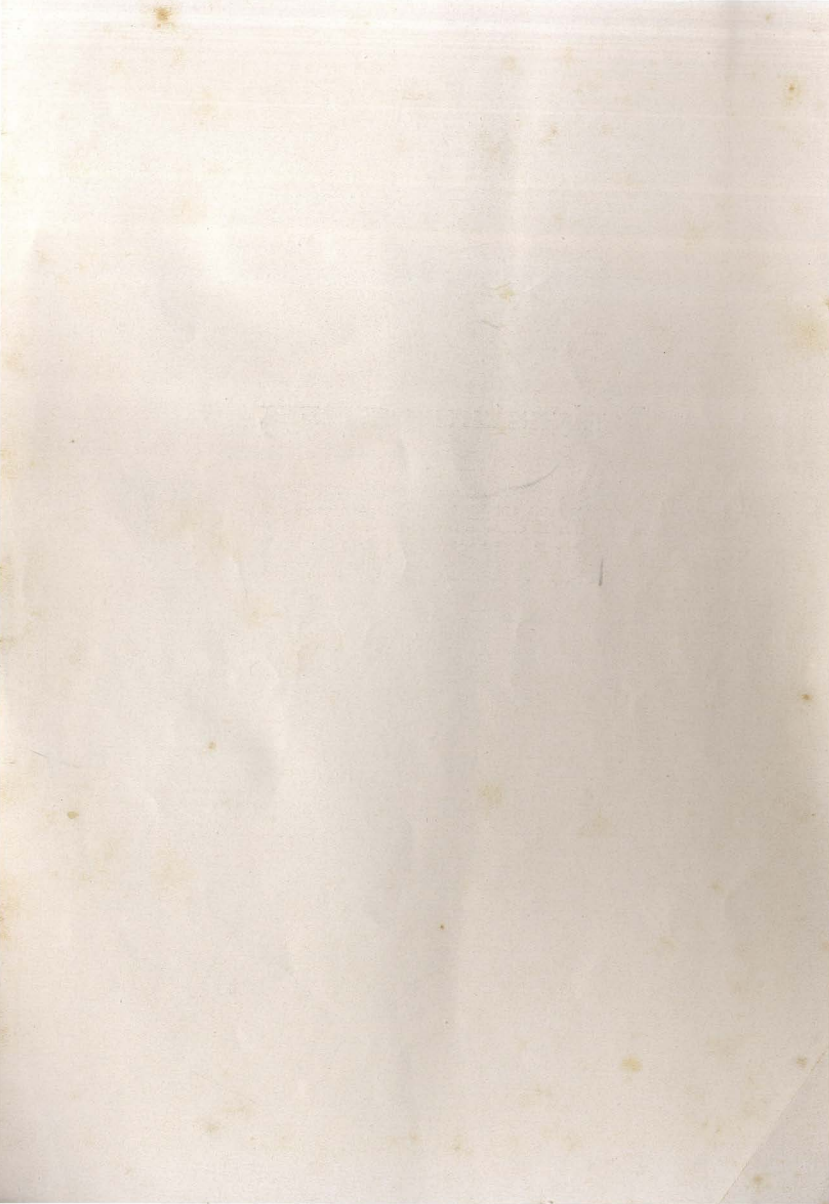
Com o retrato d'este nosso collega e condiscipulo da Universidade, damos hoje começo a essa longa fileira de emigrados, que as convulsões politicas que agitaram o paiz, levaram a procurar no exilio a liberdade, a paz e a tranquillidade que viam ameaçada na sua patria.

Por isso lá longe, na grande cidade fluminense, ao mesmo tempo que o acomette a nostalgia da patria, labuta pela vida, honrando o seu paiz, tornando-se querido dos seus compatriotas que muito apreciam as suas bellas qualidades de caracter, tendo desempenhado na Liga Monarchica do Rio de Janeiro cargos de alta confiança e responsabilidade.

Ao nosso amigo, collega e antigo condiscipulo das bancadas da Universidade, enviamos-lhe d'aquí, n'um apertado abraço, a expressão da nossa profunda saudade.

*
*
*

O Dr. Alvaro Miguel Rodrigues de Bastos Coutinho Belezza d'Andrade, natural de Mattosinhos, concelho de Bouças, é filho de Antonio Belezza d'Andrade. Matriculou-se no primeiro anno da faculdade de Direito em 1900, tendo por motivo de doença de interromper o seu curso, que veio a concluir em 1907.



Assignatura permanente

O ALBUM DOS VENCIDOS

publica-se em fasciculos quinzenaes de 32 paginas nos dias 1 e 15 de todos os mezes, formando um unico volume de 576 paginas ou sejam 18 numeros.

PAGAMENTO ADEANTADO

Portugal, Ilhas e Africa		Estrangeiro		Brazil (moeda fraca)	
6 mezes	2s200	6 mezes	2s400	6 mezes	7s000
3 "	1s200	3 "	1s400	3 "	3s800
Numero avulso	200			Numero avulso	600

Redação e administração, Rua dos Donradores, 32, 1.º, D. — LISBOA

RECEBEM-SE ANNUNCIOS PARA ESTA PUBLICAÇÃO